

PESQUISA QUALITATIVA: ENCONTROS E DESENCONTROS EM UM COLETIVO

QUALITATIVE RESEARCH: MEETINGS AND DISAGREEMENTS IN A COLLECTIVE

INVESTIGACIÓN CUALITATIVA: ENCUENTROS Y DESENCUENTROS EN UN COLECTIVO

TANISE PAULA NOVELLO

Doutora em Educação Ambiental, Professora da UFSC – Florianópolis/SC.

<https://orcid.org/0000-0002-9585-6893>

E-mail: tanisenovello@hotmail.com

ERROL FERNANDO ZEPKA PEREIRA JUNIOR

Mestre em Administração, Analista de projetos do ITEC/FURG – Rio Grande/RS.

<https://orcid.org/0000-0002-4203-0801>

E-mail: zepkaef@gmail.com

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar os coletivos vivenciados por pós-graduandos durante a elaboração de pesquisas qualitativas. No seu decorrer, é descrito o processo de produção dos registros, seguido do processo de análise. Da análise emergiram os diferentes coletivos vivenciados, que são eles: os teóricos, o orientador, o grupo de colegas e o ambiente virtual. A análise teórica desses quatro coletivos demonstra que estar em conjunto amplia e qualifica a pesquisa, uma vez que possibilita repensar abordagens, alcançar novos entendimentos e superar obstáculos, contribuindo para o avanço da pesquisa. Diante disso, este estudo evidencia que a dinâmica colaborativa enriquece o processo de investigação, promovendo avanços significativos na produção do conhecimento científico.

Palavras-chave: análise textual discursiva; coletivos; pesquisa.

ABSTRACT

This study aims to analyze the collective experiences of postgraduate students during the development of qualitative research. During the course, the process of producing records is described, followed by the process of analyzing them. Different collective experiences emerged from the analysis, namely: the theorists, the advisor, the group of colleagues, and the virtual environment. The theoretical analysis of these four collectives proves that being together expands and qualifies research, as it makes it possible to rethink approaches, reach new understandings, and overcome obstacles, thus contributing to the advancement of research. Therefore, this study shows that collaborative dynamics enrich the research process and promote significant advances in the production of scientific knowledge.

Keywords: textual discourse analysis; collectives; research.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo analizar las experiencias colectivas vividas por estudiantes de posgrado durante el desarrollo de una investigación cualitativa. A lo largo de su desarrollo, se describe el proceso de elaboración de los registros, seguido de su proceso de análisis. Del análisis surgieron las diferentes experiencias colectivas que son: los teóricos, el orientador, el grupo de compañeros y el entorno virtual. El análisis teórico de estos cuatro colectivos demuestra que estar en conjuntos amplía y califica la investigación, visto que permite repensar abordajes, alcanzar nuevos entendimientos y superar obstáculos, contribuyendo para el avance de la investigación. Por lo tanto, este estudio

demuestra que las dinámicas colaborativas enriquecen el proceso de investigación, promoviendo avances significativos en la producción de conocimiento científico.

Palabras clave: análisis textual discursivo; colectivos; investigación.

INTRODUÇÃO

Com o avanço das tecnologias digitais, o acesso às produções científicas se expandiu significativamente, proporcionando uma ampla gama de possibilidades para a criação de conhecimento e a divulgação dele. Esse cenário é marcado por diversas abordagens metodológicas, cada uma delas com suas particularidades epistemológicas. Cabe ao pesquisador a tarefa de escolher a abordagem que melhor se adéque à compreensão e explicação do fenômeno em investigação.

Por muito tempo, pesquisas qualitativas e quantitativas assumiram visões antagônicas no campo da pesquisa, contudo, atualmente, essas duas perspectivas têm se mostrado próximas e, muitas vezes, complementares. Quando se fala em pesquisa, é fundamental considerar que as diferentes abordagens não se refutam e nenhuma é mais ou menos legítima que a outra. Nesse sentido, o ponto central é o pesquisador. Como ele vai operar o método? Qual abordagem é mais apropriada? Como se dará a produção dos registros?

Neste artigo, o foco será na abordagem qualitativa, uma vez que o fenômeno a investigar são pesquisas realizadas no campo das ciências humanas. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é analisar os coletivos vivenciados por pós-graduandos durante a elaboração de pesquisas qualitativas. No contexto da pesquisa qualitativa, o termo “pesquisa” pode ser concebido como:

uma trajetória circular em torno do que se deseja compreender, não se preocupando única e/ou aprioristicamente com princípios, leis e generalizações, mas voltando o olhar à qualidade, aos elementos que sejam significativos para o observador-investigador (Guarnica, 1997, p. 110).

O processo de pesquisa qualitativa desenvolve-se em interação dinâmica, retroalimentando-se, reformulando-se constantemente e não admitindo visões isoladas, parceladas e estanques (Triviños, 1987, p. 137), em que o pesquisador considera a participação do sujeito como um dos elementos do seu fazer científico.

O desenvolvimento de um estudo de pesquisa qualitativa supõe um corte temporal-espacial de determinado fenômeno por parte do pesquisador, em que o foco do estudo

busca a compreensão particular do que é estudado, não se preocupando com generalização, princípios ou leis; o foco da atenção é centralizado no específico, no peculiar e no individual, almejando sempre a compreensão (Martins; Bicudo, 1989). O pesquisador tem a opção de efetivar a pesquisa em diferentes modalidades, entretanto os métodos de pesquisa devem ser selecionados, ajustados e desenvolvidos a partir de uma compatibilidade com a natureza do fenômeno a ser estudado.

A PESQUISA QUALITATIVA

O conceito

Flick (2009) explica que a pesquisa qualitativa visa entender, descrever e explicar os fenômenos sociais de modos diferentes, por meio da análise de experiências individuais e grupais, exame de interações e comunicações que estejam se desenvolvendo, assim como da investigação de documentos (textos, imagens, filmes ou músicas) ou traços semelhantes de experiências e integrações. Já Severino (2017) entende a pesquisa qualitativa como um conjunto de diferentes técnicas interpretativas, pois procura descrever e decodificar os componentes, já que há um sistema complexo com muitos significados, tendo por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social para o pesquisado.

A pesquisa qualitativa considera: “os fenômenos sociais holisticamente. Isso explica por que estudos de pesquisa qualitativa aparecem como visões amplas em vez de microanálises. Quanto mais complexa, interativa e abrangente a narrativa, melhor o estudo qualitativo” (Creswell, 2007, p. 187).

Uma vez que nela,

há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números [...] e analisa o comportamento humano, do ponto de vista do autor, utilizando a observação naturalista e não controlada. É holística e não generalizável, porém, seus resultados podem ser transferidos (Costa; Costa, 2019, p. 253).

Além disso,

a pesquisa qualitativa é fundamentalmente interpretativa. Isso significa que o pesquisador faz uma interpretação dos dados. Isso inclui o desenvolvimento da descrição de uma pessoa ou de um cenário, análise de dados para identificar temas ou categorias e, finalmente, fazer uma interpretação

ou tirar conclusões sobre seu significado, pessoal e teoricamente, mencionando as lições aprendidas e oferecendo mais perguntas a serem feitas (Creswell, 2007, p. 186).

Richardson (2009) explica que a pesquisa quantitativa pode ser caracterizada por meio de quantificações, tanto nas modalidades de coleta das informações quanto no tratamento delas por meio das técnicas estatísticas. Costa e Costa (2019) explicam que pesquisas com abordagens qualitativas estudam a realidade social por meio de seus valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões, buscando seus significados, uma vez que ela é específica, está condicionada pelo momento histórico e pela organização política e econômica de tal momento.

Para Gutierrez, Martins e Pimentel (2020), a pesquisa qualitativa é um método de investigação utilizado nas ciências sociais e na psicologia para compreender e explorar fenômenos complexos e contextualizados. Ao contrário da pesquisa quantitativa, que se baseia em números e estatísticas, a pesquisa qualitativa busca compreender as experiências, perspectivas e significados atribuídos pelos indivíduos aos fenômenos estudados. Na pesquisa qualitativa, o conhecimento é construído pela interação entre o pesquisador e os participantes do estudo.

Utiliza-se uma variedade de técnicas, como entrevistas, observação participante e análise de documentos, para coletar dados ricos em detalhes e contextos. A análise dos dados qualitativos envolve a identificação de temas, padrões e significados emergentes. É importante ressaltar que a pesquisa qualitativa não busca generalizações estatísticas, mas compreender particularidades, explorar perspectivas individuais e gerar *insights* teóricos. Ela permite aprofundar-se em questões complexas e compreender a multiplicidade de experiências e realidades sociais.

A pesquisa qualitativa na educação

Ao analisar a pesquisa qualitativa, em específico na educação, Pesce, Voigt e Garcia (2022) explicam que a construção do conhecimento científico na área da educação desenvolveu-se em uma trajetória sobre os fundamentos e raízes históricas da abordagem qualitativa — ainda que permaneça a falácia de que essa abordagem representa um desafio à pesquisa baseada apenas em aspectos observáveis e mensuráveis, articulada em

uma visão positivista da ciência. Diferentes teorias, como a fenomenologia, a etnometodologia e a psicologia sócio-histórica, concentram-se nos fenômenos sociais e passam a considerar o assunto no contexto da investigação. Dessa forma, o foco da pesquisa passa a ser a compreensão do significado dado aos sujeitos e às suas ações na realidade em que se encontram.

Zanette (2017) explica que, no Brasil, desde a década de 1970, os métodos de pesquisa qualitativa se configuraram como abordagens metodológicas, uma vez que os conceitos epistemológicos interpretam a realidade de forma distorcida na metodologia. Além do foco na metodologia nas ciências humanas e na educação, essa trajetória histórica nos fez focar mais nos métodos do que nas questões a serem estudadas em contextos educacionais. Por exemplo, as distorções quantitativas resultam da instabilidade das fontes, da manipulação da informação social e de imprecisões técnicas que excluem certas variáveis para explicar os fenômenos escolares. Nas concepções tradicionais do positivismo, a objetividade é exigida por meio da quantificação como forma de eliminar distorções causadas pela subjetividade do pesquisador. Durante esse período, esse modelo de ciência começou a sofrer severas críticas filosóficas, políticas e técnicas, de forma que “o alvo dessas críticas se direcionou para a aplicabilidade dos modelos de ciências naturais nas Ciências Sociais e Humanas, cujos princípios teóricos separavam os fatos dos seus contextos histórico-culturais” (Zanette, 2017, p. 154).

Nesse contexto, a pesquisa qualitativa surgiu para evitar tecnicismos e reducionismo lógico formal na investigação educacional em favor da restauração da subjetividade. As diferenças nas pesquisas qualitativas dizem respeito à inclusão da subjetividade; é impossível pensá-las sem a participação dos sujeitos. São qualitativos porque os conhecimentos não são irrelevantes, são qualitativos. Porque não há relato ou descrição da realidade que não aborde algum assunto. A pesquisa qualitativa tem contribuído para o surgimento de um novo paradigma educacional, cujas ideias principais são: a combinação do qualitativo e do quantitativo; um todo indivisível; visão sistemática, ecológica, interativa e incerta; defendendo a reintegração dos sujeitos e saberes nesse processo; a percepção das conexões e do sentido do contexto; o conhecimento em rede e a educação como sistema aberto (Devechi; Trevisan, 2010).

Assim, o estudo das práticas educativas em uma perspectiva sócio-histórica, utilizando métodos qualitativos, consegue compreender as especificidades do ser humano, suas relações, crenças e culturas, pois capta a complexidade dos fenômenos educacionais. Dessa forma, os investigadores podem analisar e compreender a realidade educacional a partir de múltiplas dimensões (Pesce; Voigt; Garcia, 2022).

CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA

O presente artigo é resultado de uma pesquisa coletiva realizada em um Programa de Pós-graduação cadastrado no sistema CAPES, na área de avaliação em Educação de uma Universidade Federal, ocorrida no decorrer de uma das disciplinas com viés na metodologia. A disciplina teve como objetivo possibilitar, aos 14 alunos participantes, discutir e vivenciar a Análise Textual Discursiva (Moraes, 2002) por meio de um cunho teórico-prático integrado. Pelas leituras dialogadas com os textos propostos e discussões conjuntas realizadas durante os encontros, foi possível compreender como se dá o processo de análise dos dados utilizando a Análise Textual Discursiva (Moraes; Galiazzi, 2007) e a importância da imersão do pesquisador nos dados para que possa interpretá-los, reconstruí-los e dessa forma assumir-se como sujeito histórico capaz de participar na constituição de novos discursos (Moraes, 2002).

Concomitantemente às leituras, iniciou-se o processo de análise dos 16 relatos que foram solicitados aos mestrandos que haviam utilizado a metodologia de Análise Textual Discursiva em suas dissertações. Por meio desses relatos, os alunos explanaram como a metodologia contribuiu para a pesquisa que estavam realizando, as dificuldades encontradas durante o processo; assim como o significado atribuído à metodologia no processo de análise dos dados e na constituição de suas dissertações. Os pós-graduandos são identificados, neste artigo, por letras do alfabeto.

Os relatos foram analisados conjuntamente, conforme propõe Moraes (2002) nos textos lidos no decorrer da disciplina. Cada um dos mestrandos analisou um relato e apontamos as unidades que emergiram; posteriormente, agrupou-se essas unidades pelo significado, constituindo, assim, as categorias de análise. Ao final desse processo, foram

atribuídos significados às diferentes unidades; emergindo, assim, categorias diferentes da análise. Conforme a evolução das análises, o material produzido progressivamente foi disponibilizado em um ambiente virtual da turma, possibilitando que esses estivessem à disposição de todos os envolvidos na pesquisa coletiva.

Posteriormente, cada um dos alunos, em posse do conjunto de unidades dos 16 relatos analisados, escolheu apenas uma das categorias para investigar. Nessa etapa, cada um dos alunos selecionou somente as unidades que iriam subsidiar a categoria escolhida, atribuindo-lhes significado conforme a categoria. Nesse processo foi interessante observar que os colegas atribuíram diferentes significados de uma mesma unidade, pois os textos não carregam um significado a ser apenas identificado; são significantes exigindo que o leitor ou pesquisador construa significados a partir de suas teorias e pontos de vista. (Moraes, 2002). As diferentes interpretações atribuídas pelos pesquisadores revelaram multiplicidade de significados possíveis a um mesmo significante.

EXPLICITANDO OS COLETIVOS VIVENCIADOS

O presente texto aborda a categoria dos coletivos vivenciados durante a pesquisa, que esteve presente em grande parte dos relatos analisados. Fundamentada na definição de Stein (2003) de que é na “coletividade que o homem se humaniza no sentido de ver o outro como sujeito de experiência, que contribui para o reconhecimento de sua individualidade e liberdade, em meio à coletividade” (Stein, 2003, p. 2003). Para a autora, a coletividade resguarda a individualidade do sujeito, mas é na vivência coletiva que ele reconhece seus limites e suas individualidades imperfeitas, que estão sempre em processo de produzir-se. A pesquisa se mostrou uma forma de superar a individualidade, já que por meio dos relatos foi possível especificar as diversas formas que os coletivos se constituíram no decorrer da pesquisa.

O coletivo foi mencionado como uma possibilidade na superação das dificuldades e obstáculos encontrados no decorrer da pesquisa, desde a coleta dos dados, passando pela análise e interpretação deles, até a escrita da dissertação. No processo de pesquisa, os mestrandos apontam que enfrentaram momentos de solidão, cooperação, insegurança,

encontros, desencontros, angústias e conquistas. Esses momentos estão evidenciados nas unidades destacadas que subsidiam a categoria escolhida (Figura 1).

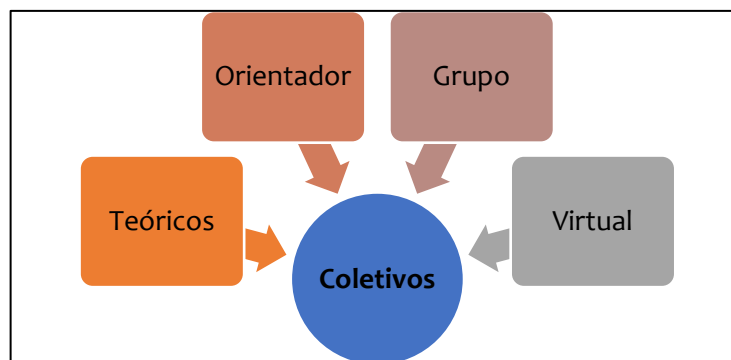


Figura 1: Coletivos vivenciados

Fonte: elaborado pelos autores.

Um dos primeiros coletivos assinalados pelos pesquisadores foi o encontro com os teóricos. Com os autores, foi possível encontrar subsídios teóricos para a análise e interpretação dos dados. Os autores contribuíram para a elucidação dos argumentos teóricos que subsidiaram a escrita da dissertação, que foi apontada como um dos maiores desafios pelos pesquisadores.

O referencial teórico fornece a base conceitual e as estruturas necessárias para que o pesquisador possa entender o contexto em que está inserido, fundamentar sua pesquisa e desenvolver argumentos científicos consistentes. Destaca-se ainda que o referencial teórico é fundamental no processo das escolhas metodológicas (tipo de pesquisa, forma de produção dos registros, análise e discussão). Buscar teóricos auxilia o pesquisador a definir as perguntas certas a serem feitas, os métodos adequados a serem utilizados e as análises pertinentes a serem realizadas. Sem uma base teórica sólida, a pesquisa corre o risco de ser inconsistente e carecer de fundamentação.

A convivência em grupo nos diversos momentos da pesquisa revelou-se como um momento importante, em que a subjetividade e individualidade de cada um dos membros estiveram presentes. Apesar das diferenças de cada um dos membros que constituem o coletivo, o empenho pessoal foi fundamental para mover o grupo rumo ao objetivo central estabelecido. A convivência em grupo foi um momento importante para superações individuais e para socializar as compreensões de cada um em direção ao aprender a reaprender, consigo e com o outro.

A presença e o acompanhamento do professor orientador foram mencionados como essenciais para o desenvolvimento da pesquisa. O convívio com o professor orientador possibilitou reformular o trabalho usando os questionamentos e trocas ocorridas durante o processo. O convívio com o orientador, desde o estágio inicial da pesquisa até o término, possibilitou que laços afetivos fossem manifestados, assim como possibilitou compreender e/ou aceitar sugestões e contribuições feitas pelo orientador.

Outro momento importante, destacado pelos mestrandos, foi a vivência por meio do virtual. No decorrer da disciplina, o ambiente virtual criado potencializou trocas entre os colegas e desses com o professor, assim como a socialização do material produzido durante a disciplina, possibilitando discutir as pesquisas em um espaço comum ao qual todos os envolvidos tinham acesso. A convivência pelo virtual permitiu vivências entre colegas e professores, independente das variáveis tempo e espaço.

ANÁLISE DOS COLETIVOS VIVENCIADOS

A partir dos diferentes coletivos relatados pelos mestrandos, essa seção trará a discussão de cada um deles pelo entremear dos extratos produzidos na pesquisa com os teóricos que balizam o estudo, em um movimento recursivo de interpretação-reflexiva. Os extratos serão identificados por letras do alfabeto para garantir o anonimato (Sujeito A, B...).

Interlocução com os teóricos

Os referenciais teóricos acompanharam os mestrandos em todo o processo de pesquisa, seja pela presença física do professor ou por livros e artigos que foram sendo consultados. Em diversos momentos, surgiu a necessidade de buscar autores como embasamento para justificar as escolhas metodológicas e teóricas do trabalho. Nesse sentido, Triviños (1987, p. 104) aponta que, durante todo o processo da pesquisa, os procedimentos e a análise dos dados serão iluminados pelo referencial teórico que possibilitará interpretar, explicar e compreender a realidade.

Os relatos destacam que a convivência presencial com o referencial metodológico utilizado nas dissertações foi um diferencial para a análise dos dados. “As aulas eram práticas; aprender fazendo; um ‘ensaio’ antes das dissertações” (Sujeito C). Com a

pesquisa coletiva realizada, foi possível discutir e vivenciar a Análise Textual Discursiva, abordada por Roque Moraes e Maria do Carmo Galiazzi, de forma prática e teórica de forma integrada. A prática é fundamental na pesquisa, porém Bochniak (1992) enfatiza que na relação entre teoria e prática o entusiasmo é perigoso, pois a prática pela prática é estanque, limitadora, embotadora de nossa capacidade de fazer relações, ilações, extrapolações, criações e, especialmente atualmente, a prática torna-se ultrapassada e obsoleta - imobilizante.

As aulas práticas viabilizaram a vivência na prática daquilo que o autor teoriza nos textos, possibilitando discutir e reconhecer que os pressupostos teóricos apontados pelos autores realmente estavam presentes na pesquisa prática. “Na disciplina, exercitamos na prática o processo que envolve a análise textual. Todos os passos iam e voltavam em minha mente, naquela ocasião estávamos fazendo um exercício que poderia ainda ser retomado” (Sujeito E).

Pelo convívio intenso com o referencial teórico, nesse caso por meio da vivência presencial, acontece a apropriação do discurso por parte de alguns mestrandos. Nesse relato, o mestrando demonstra ter se apropriado de expressões utilizadas por ele: “No título desse texto, peço permissão para falar do voo da águia, porque essa expressão é muito utilizada pela professora” (Sujeito K). Esse relato evidencia que o sujeito compartilha do discurso feito pelo autor: “Assim, procurei me impregnar com o material (palavras do professor)” (Sujeito D).

Os relatos indicam a necessidade que emergiu na busca por teóricos, durante a análise dos dados, para superar a descrição do fenômeno em estudo e avançar no processo. No início da pesquisa, os mestrandos relatam que apenas reuniam as ideias dos teóricos para se expressarem pelos autores. Com o evoluir da pesquisa, foi possível estabelecer diálogos; à medida que o pesquisador se apropria das ideias, é possível internalizá-las e compor seus argumentos de forma consistente, clara e válida. As interlocuções com os teóricos contribuíram para a atribuição de significado ao fenômeno em estudo e para a constituição do referencial teórico do próprio pesquisador. “Diferentemente do que pensei no início, este trabalho não se caracterizou unicamente pela compilação de elementos de autoria alheia” (Sujeito H).

O próximo relato ressalta a importância da fundamentação teórica para fortalecer a escrita, que foi apontada como um dos maiores desafios pelos pesquisadores:

Destaco ainda, a preocupação que me ocorreu de que a escrita ficasse sem consistência por falta de um embasamento teórico. Por vezes parecia que ao escrever, sempre enfatizava os mesmos aspectos e que talvez as ideias não fossem corroboradas por nenhum autor importante e que por isso o texto ficaria sem credibilidade e vago. Na verdade, isso é uma preocupação pertinente, mas que na medida que o referencial teórico vai sendo construído, paralelamente com a análise, vai sendo resolvida (Sujeito I).

O diálogo com os autores revela outras possibilidades até então não vislumbradas. O relato a seguir mostra que os autores auxiliaram não somente no entendimento do fenômeno, mas também para alcançar outras compreensões.

Mas, o espírito científico já estava instalando, e minhas ideias tão somente não bastavam para entender e explicar os fenômenos. Acorri então aos autores, e na interlocução teórica mais janelas se abriram. Havia muitas possibilidades que eu não havia vislumbrado (Sujeito G).

Dessa forma, o referencial teórico se constituiu como importante elemento no processo de pesquisa, que desvela possibilidades, potencializando outras formas de interpretar e compreender o fenômeno que está sendo investigado. Os referenciais teóricos podem, ainda, impulsionar o pesquisador a elaborar seus próprios argumentos e se constituir como autor.

Os coletivos estabelecidos com os teóricos foram fundamentais para compreender o fenômeno em estudo, assim como para a elucidação da compreensão do fenômeno em estudo para alcançar outras compreensões. Os teóricos estiveram presentes em todo o processo de pesquisa, com o avançar da pesquisa foi possível estabelecer diálogos com os teóricos, contribuindo para que o pesquisador constitua seus próprios argumentos.

Orientando e orientador: ações conjuntas

O encontro com o orientador foi uma das primeiras parcerias estabelecidas, desde o ingresso no Programa de pós-graduação. O orientador esteve presente desde o processo de formação inicial do pesquisador. “Fui convidada a cursar tal disciplina por meu orientador” (Sujeito P). Os mestrandos expressaram a importância do orientador na busca de referencial teórico favorável à compreensão e interpretação do fenômeno investigado.

“Como fui muito bem ancorada teoricamente pelo meu orientador” (Sujeito D). Nesse caso, o termo “ancorar” foi empregado no sentido de firmar, fundamentar e não de manter estagnado. “Nos períodos de conflitos era ele (o orientador) a trazer-me para a ‘terra’ e perceber o objetivo que tinha colocando-me” (Sujeito E). Pelos relatos, nota-se que o orientador situa, guia e encaminha o orientando durante a pesquisa rumo aos objetivos já traçados.

Diante das diversas atribuições do orientador no desenvolvimento da pesquisa, pode-se dizer que:

a orientação no processo de aprendizado da pesquisa e de desenvolvimento da autonomia do aluno é de suma importância basicamente numa leitura e numa discussão conjuntas, num embate de ideias, de apresentação de sugestões e de críticas, de respostas e argumentações, em que não será questão de impor nada, mas, eventualmente, de convencer, de esclarecer, de prevenir. Tanto a respeito do conteúdo como a respeito da forma (Severino, 2017, p. 236).

É importante que a relação do orientador com o orientando seja pautada no diálogo, possibilitando a aprendizagem mútua, em que ambos estejam dispostos a aprender. O trabalho realizado conjuntamente com o orientador em uma relação dialógica envolve fundamentalmente a negociação para que se chegue ao consenso em algumas questões que permeiam a pesquisa.

Certamente tive que negociar algumas questões com minha orientadora, mas o resultado do trabalho foi uma construção que considero natural, decorrente, e mesmo assim tenho consciência de que poderia ter trilhado diversos outros caminhos (Sujeito G).

Pelo diálogo com o orientador, é possível direcionar um novo olhar para os dados, especialmente quando esses se complementam; situação que nem sempre é visível com destreza pelo pesquisador iniciante. “Havia partido de 6 categorias, mas a orientadora sugeriu que duas dessas se incluíam nas outras. Concordei” (Sujeito C). O acompanhamento atento do orientador é fundamental durante o processo.

Mesmo com a presença constante do orientador, é importante que orientando desenvolva autonomia, que pense por si próprio, pois a influência do orientador, quando exagerada, impede que o orientando pense por conta própria, inibindo sua capacidade de pensamento e criação, e talvez direcionando a pesquisa para outro objetivo, que não aquele escolhido por ele. Para Demo, o orientador não pode oferecer respostas, mas

acrescentar perguntas (Demo, 2000, p. 73). Dessa forma, o papel do orientador não consiste em dizer o que se deve pensar, mas em interrogar e fazer refletir. É preciso haver crítica, no sentido de acréscimo a algo, para que possa haver produção, reconstrução e progresso do conhecimento.

Acordei as 5 horas e perdi o sono. A reunião com a orientadora me fez ter ideias. Na apresentação da dissertação da Ivane, foi dito que na apresentação o objeto estava mais claro que na dissertação. Lembrando das análises que já fiz dos dados pensei que o diferencial da minha pesquisa são os projetos de aprendizagem. A minha orientadora sempre insistiu nisso, mas eu tinha dúvidas. Mas os dados apontam para isso. O fato de a orientadora ter discutido os dados comigo foi fundamental para a definição do objeto de pesquisa (Sujeito J).

É papel do orientador encaminhar e orientar o processo construtivo em que o orientado se aventura, conduzindo-o a refletir, repensar e replanejar os caminhos escolhidos. Ao mestrando cabe assumir-se sujeito de sua escrita, portanto, sujeito de sua aprendizagem e ter a iniciativa de rever, reescrever e reelaborar o trabalho. Para que o pesquisador se assuma como autor, é necessário que ele sinta a necessidade de mudar para trilhar outros caminhos, porém a experiência e o olhar atento do orientador são fundamentais para que o mestrando se constitua enquanto pesquisador. Nesse sentido, é importante que a conversa se estabeleça no entrelaçamento entre emoção e linguagem. Para Maturana (2009), aceitamos o outro quando temos o desejo de escutar o que o outro tem a dizer, sem discriminá-lo ou “tolerá-lo”, mas legitimando sua presença:

A orientada apresentava sempre uma certa resistência em relação à orientação. “Outra sugestão da orientadora é não usar cores e sim tipo de letras para diferenciar algo, por exemplo, as informações das aulas. Vou continuar com as cores até fazer a quantificação, depois mudo”. (ficou as cores até a publicação final da dissertação). “Mostrei a diferença das respostas por gênero, como sugeriu o “professor”. A orientadora disse que não precisa diferenciar turma por gênero. É questão do professor (trocar de nome seria interessante) e não minha” (não entrou diferença por gênero na dissertação) (Sujeito J).

O relato da mestranda demonstra a resistência em aceitar as sugestões apontadas pelo orientador, assim como a tomada de decisão da orientada de não incluir no trabalho as sugestões apontadas pelo orientador. Por meio desse extrato, nota-se que o processo de orientação envolve negociação, aceitação e resistência entre as partes envolvidas.

Nesse sentido, Petermann e Junge (2020) explicam que o aluno escreve sua pesquisa tendo em mente os padrões de redação da escola e as constantes negociações

com o orientador, que o levam a desenvolver uma compreensão do que conta como escrita nessa prática de alfabetização envolvida em pesquisa. As negociações sobre a legitimidade da pesquisa dependem também das posições sócio-históricas a que pertencem os sujeitos de linguagem entre si e do diálogo estabelecido com diferentes interlocutores (consultores, possíveis leitores e acadêmicos). A negociação de aspectos mais ou menos adequados entre orientador-orientando e a forma como esses aspectos negociados são incorporados à escrita estão relacionadas à posição sócio-histórica ocupada pelo sujeito da linguagem e à reatribuição e renovação da linguagem.

Para Maturana (2009), se não aceitamos o outro na convivência, não há socialização, assim é possível falar em relações humanas que não sejam sociais se considerarmos que nem todas as relações humanas são baseadas no amor. Para o autor, o respeito ao outro é impreterível para o fenômeno social.

O reconhecimento da importância da orientação foi manifestado nos relatos por meio de agradecimento. A intervenção do orientador, principalmente nos momentos mais angustiantes, ajudou os orientandos a manterem a estabilidade emocional. É fundamental que nas relações se estabeleçam laços afetivos, de respeito e reconhecimento, possibilitando que esses se fortaleçam ainda mais.

Essa foi a reunião mais difícil. Eu não conseguia ver o que estava errado e faltando e fiquei muito angustiada. Mas no final acho que consegui captar alguma coisa. Depois de um boa noite e sono e seguindo a orientação da orientadora de não fazer nada na dissertação ontem, acordei mais animada. Tenho medo de ter medo e paralisar. Mas, não vai acontecer novamente. Vou terminar essa dissertação. Vou digitar as anotações das conversas e fazer o esquema que a orientadora sugeriu. Mas, antes vou mandar um e-mail agradecendo a orientação (Sujeito J).

Segundo Maturana (2009), a existência da vida é viabilizada pela presença de relações afetivas e intercâmbios entre os seres. Nesse contexto, o autor retrata a história dos humanos como seres solidários que compartilhavam sementes. Ao longo da evolução, desenvolveram cérebro, mãos e lábios em torno de uma expressão frontal da sexualidade, com os machos participando ativamente na criação dos filhos, há aproximadamente 3,5 milhões de anos. Outro exemplo destacado pelo autor é observado nas relações afetivas dos insetos, em que as fêmeas depositam ovos, consomem suas secreções, mas não os devoram, pelo contrário, tratam seus ovos como uma companhia legítima durante o processo de socialização.

Os relatos apontaram que a presença do orientador foi crucial, além de ter sido uma fonte de ajuda, pois o orientador com um olhar atento às produções revelou lacunas no texto e a falta de argumentos e clareza. Os questionamentos levantados pelo orientador permitiram alcançar novas compreensões e interpretações do fenômeno que está sendo investigado, incentivando os pesquisadores a avançarem, nas leituras e na análise dos dados.

O papel da professora orientadora foi fundamental, seu olhar sobre o metatexto e seus questionamentos contribuíram significativamente para que eu pudesse interpretar as informações, teorizá-las e construir novos sentidos, possibilitando novas compreensões para o fenômeno investigado (Sujeito A).

À medida que a pesquisa foi avançando, os orientandos assumiram-se cada vez mais confiantes, sendo capazes de formular opções, avaliar os caminhos percorridos, traçar os futuros, bem como avaliar o que é melhor ou pior para o trabalho. Porém, desejavam que o orientador realizasse um acompanhamento sempre próximo e crítico para oferecer mais consistência aos seus trabalhos de pesquisa. “Esses arquivos eram submetidos à minha leitura crítica e da minha orientadora” (Sujeito F). Para os orientandos, a apresentação de críticas, caminhos alternativos e sugestões por parte do orientador são fundamentais na melhoria global do trabalho para que a dissertação alcance um nível de qualidade satisfatória.

O coletivo orientado e orientador foi um dos coletivos que contribuiu de maneira decisiva para a pesquisa. O orientador se faz presente desde o processo inicial da pesquisa, contribuindo para a delimitação do fenômeno que será investigado, sugerindo referencial teórico e acompanhando o processo de coleta e análise dos dados. A experiência e o olhar atento do orientado são fundamentais para que o pesquisador iniciante — mestrando — supere os momentos de solidão, angústia, dúvida e insegurança que surgem durante a pesquisa.

Convivendo em grupo

Dentre os diversos elementos que contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa, a convivência com o grupo no decorrer da disciplina foi salientada, por possibilitar uma multiplicidade de trocas de experiências entre os membros do grupo.

Por meio do coletivo com os colegas, professores, sujeitos de pesquisa e outros sujeitos envolvidos, foi possível desvelar outras formas de conduzir a pesquisa. Os coletivos vivenciados durante a pesquisa possibilitaram trabalhar cooperativamente. A cooperação, para Piaget, é definida como cooperação, isto é, cooperar na ação é operar em comum. Caracteriza-se quando dá coordenação a pontos de vista diferentes, pelas operações de correspondência, reciprocidade ou complementaridade e pela existência de regras autônomas de condutas fundamentadas no respeito mútuo (Piaget, 1973). Piaget complementa afirmando que a cooperação real só é possível quando há a existência de reciprocidade nas interações, ou seja, ambos como sujeitos ativos em uma relação de troca, no sentido de contribuição.

Nos relatos, os mestrandos apontam a orientação coletiva como um dos momentos em que os sujeitos trabalharam cooperativamente em torno de uma ação comum. “A orientação coletiva que aconteceu em 2003 foi essencial para o desenvolvimento da dissertação” (Sujeito J). Em outros discursos, os mestrandos revelam que vivenciar a pesquisa coletiva cooperativa na disciplina foi um desafio que requer o empenho de todos os sujeitos em torno de um objetivo comum. “Construir uma pesquisa cooperativa foi um desafio intenso e extremamente realizador” (Sujeito E).

Os mestrandos reconhecem que a opinião, a crítica e o parecer do outro — colega ou professor — contribuiu para o desvelar de possibilidades e interpretações possíveis de serem abordadas no trabalho. Sugestões e contribuições auxiliam no aprofundamento de leituras, assim como no delineamento das questões que se pretende investigar. A opinião criteriosa dos professores e colegas pode servir como fator de entusiasmo e motivação, para colocar em prática as ideias que estão surgindo, além de incentivar a manutenção da qualidade e do comprometimento com o estudo.

A convivência com o outro viabiliza a socialização das compreensões de cada sujeito sobre um fenômeno. No coletivo, é possível desenvolvermos a habilidade de aprender a aprender com o outro.

Além de considerar importante socializar as diversas compreensões existentes no grupo sobre o assunto “pesquisa”, também foi importante tentar com que os componentes do grupo assumissem a postura de compreender sobre a necessidade permanente de aprender a aprender (Sujeito D).

Os relatos apontam ainda o aprendizado na convivência com os seus sujeitos de pesquisa. O relato a seguir mostra que a mestranda se baseou no trabalho de um de seus sujeitos de pesquisa — aluno — para fazer a apresentação de seu trabalho. Essa situação reforça a ideia de que estamos constantemente aprendendo com o outro, independentemente do nível acadêmico.

Outra ideia que tive, inspirada nos meus alunos desse ano, é fazer uma apresentação em forma de página para a defesa da dissertação (e não no Power Point). Vai ficar legal. Não vou divulgar isso para ninguém, pois quero que seja surpresa (Sujeito J).

O coletivo é constituído de sujeitos, cada um com as suas diferenças, e para conviver coletivamente é preciso conhecer e respeitar as diferenças de cada um, principalmente no que se refere ao ritmo de envolvimento. Algumas pessoas têm mais iniciativa, enquanto outros necessitam um pouco mais de tempo de adaptação para avançar.

No início dos encontros, considerei todos esses acontecimentos como normais, embora chamasse bastante atenção o fato de que, na medida em que os trabalhos avançavam por parte de alguns, outros nem haviam começado (Sujeito D).

Os mestrandos apontaram que o convívio intenso — presencial e virtual — com o grupo desencadeou laços afetivos.

A professora é ótima: enviei ontem os diálogos com os comentários dela e ela já me respondeu, me ajudando ainda mais. Definitivamente **é amor o que sinto por ela**. Lembrando que amor é quanto acontece um aumento de potência na capacidade de viver e atribuímos isso a outra pessoa (Sujeito J, grifo nosso).

Nesse sentido, a teoria da afetividade de Wallon (1968) afirma que a dimensão afetiva, ao longo de todo desenvolvimento do indivíduo, tem um papel fundamental para a construção da pessoa e do conhecimento. Assim, podemos inferir que o conhecimento que uma pessoa adquire está intrinsecamente ligado aos sentimentos experimentados durante o processo de ensino-aprendizagem e, por conseguinte, durante o processo de orientação. É por essa razão que Veras e Ferreira (2010) destacam a crescente importância atribuída aos sentimentos emergentes no contexto acadêmico.

Meurer *et al.* (2019) ressaltam que, no ambiente acadêmico, o comportamento do professor, sua afetuosidade e a forma como interage com os estudantes desempenham um papel essencial na estimulação da motivação e do interesse no processo de ensino-

aprendizagem. Esses fatores são fundamentais para garantir a participação ativa e o desenvolvimento dos alunos, o que, por sua vez, resulta em uma relação mais qualificada com o conhecimento e com o processo pedagógico, interferindo diretamente na produtividade em pesquisas científicas. Por fim, os coletivos vivenciados durante a pesquisa possibilitaram desenvolver ações conjuntas que enriqueceram o processo de construção da pesquisa e a constituição individual dos pesquisadores.

O convívio intenso com os colegas durante a disciplina foi um momento importante da pesquisa, pois os trabalhos tiveram o olhar de diferentes sujeitos que compõe o grupo, tornando possível rever e reelaborar o trabalho. Porém, aceitar a crítica e o olhar do outro requer maturidade, flexibilidade e humildade em saber ouvir e/ou aceitar. Contudo, os relatos apontam que, apesar das dificuldades em trabalhar no coletivo, o resultado foi gratificante, pois contribuiu para o processo de pesquisa e a formação acadêmica dos envolvidos. Com base nos relatos e nos resultados alcançados, podemos afirmar que é importante que, durante o processo de pesquisa, o mestrando tenha a possibilidade de habitar — em alguns momentos — espaços que potencializem o convívio com o outro, submetendo o trabalho ao olhar do outro.

Habitando o virtual

A disciplina propiciou, além dos encontros semanais presenciais, a convivência no espaço virtual. Esse espaço foi organizado pelo professor e foram criadas pastas para que os textos disponibilizados pelo professor e o material produzido durante o semestre ficasse organizado. O espaço virtual viabilizou encontros entre os sujeitos (professor e alunos) além dos horários da disciplina, possibilitando discussões, reflexões, diálogos e trocas, potencializando o exercício da escrita. “O estabelecimento do diálogo virtual foi marcante” (Sujeito A).

Para Costa (2020), o ciberespaço é dimensão ubíqua da vida (real) contemporânea, entendido, portanto, não apenas como dispositivo midiático, mas como espaço público, socialmente construído, “feito de conhecimentos, saberes e potências que permitem novas formas de constituição do social” (Egler, 1998).

Os encontros frequentes e assíduos no espaço virtual constituíram uma comunidade virtual formada a partir de afinidades de interesses, de conhecimentos, de

projetos mútuos e valores de troca, estabelecidos em um processo de cooperação (Lévy, 1999). Essas relações “são construídas através da interação mútua” (Palácios, 1998) entre os indivíduos, em um período, tendo a permanência — entendida como espaço temporal contínuo de relacionamento — entre seus requisitos fundamentais. As interações, no presencial e no virtual, foram fundamentais para estabelecer relações cada vez mais expressivas entre a teoria e a prática da Análise Textual Discursiva e, dessa forma, contribuindo para o processo de compreensão da metodologia.

A vivência em sala de aula e o estabelecimento do diálogo virtual contribuíram efetivamente para a compreensão do processo de análise textual. A cada encontro presencial ou virtual, eu podia estabelecer relações cada vez mais significativas com as quais pude compreender o movimento do ciclo de análise (Sujeito A).

O espaço virtual viabilizou que o material produzido fosse progressivamente publicado, possibilitando que os colegas interagissem com o trabalho dos outros. As sugestões, críticas e indagações feitas pelos colegas contribuíram para aprimorar as produções.

As aulas ocorreram presencialmente e com o grupo da turma na Internet, desta forma podíamos buscar o material teórico da disciplina e a produção textual dos colegas, bem como colocar no grupo virtual nossas próprias produções e críticas a partir das leituras realizadas (Sujeito F).

As ferramentas do virtual possibilitaram o diálogo com os textos sugeridos pelo professor, assim como a publicação do diálogo com os textos e as reflexões realizadas no decorrer da disciplina. “Nossos trabalhos eram todos via Internet. A cada semana fazíamos reflexões e diálogos com textos fornecidos pelo professor” (Sujeito P). Nesse sentido, o virtual mostrou-se como um espaço propício que favoreceu encontros com os membros do grupo a qualquer momento, além de oportunizar as trocas e contribuições às produções escritas. A disciplina desenvolvida com o aporte do espaço virtual possibilita um acompanhamento da evolução da produção escrita e não somente do produto.

O virtual foi um espaço que potencializou trocas, encontros e a socialização das produções, mesmo depois de cursar a disciplina, permitindo ao grupo manter os elos já estabelecidos durante os encontros presenciais. O virtual mostrou-se como uma ferramenta importante no processo de pesquisa, possibilitando a troca das produções realizadas, permitindo que os colegas interagissem e contribuíssem nos trabalhos que

estavam sendo realizados. Costa (2020) destaca a sociedade informacional, constituída na articulação de conexões horizontais, que identifica como autocomunicação de massas — a emergência de cidadãos interconectados, capazes de produzir suas próprias narrativas e disputá-las com as redes corporativas e midiáticas (Costa, 2020). O virtual permite vencer barreiras geográficas de tempo e espaço, viabilizando a desterritorialização e a socialização do saber.

A IMPORTÂNCIA DE NÃO ESTAR SOZINHO

Os relatos dos mestrandos apontam que o processo de pesquisa é intenso e coletivo. Um coletivo ora com os autores que escolhemos para dialogar, ora com os colegas de disciplina, ora com os sujeitos de pesquisa e mais intensamente com o orientador. Esses relatos nos levam a concluir que a pesquisa não é um caminho que percorremos sozinhos, é composta por coletivos que nos acompanharam durante todo o processo vivenciado.

O coletivo vivenciado com os teóricos foi fundamental, pois no início do processo de pesquisa contribuiu para delinear o tema de investigação, em um nível mais avançado contribuiu para traçar os caminhos metodológicos e a análise dos dados. Com o evoluir da pesquisa, foi possível estabelecer diálogo com os teóricos que contribuíram para a constituição do mestrando, enquanto pesquisador. Dessa forma, é fundamental que o pesquisador busque os interlocutores teóricos que possibilitarão questionar o próprio trabalho, apontar lacunas e avançar, no sentido de constituir seus próprios argumentos.

Durante a pesquisa, o acompanhamento do orientador foi essencial, pois são diversos os momentos vivenciados durante a pesquisa: solidão, insegurança, angústia e dúvida. Assim, a interferência do orientador foi decisiva para superar esses momentos e conduzir o orientando para avançar a pesquisa. Segundo Moraes:

para que algo possa ser aperfeiçoado, é preciso criticá-lo, questioná-lo, perceber seus defeitos e limitações. É isso que permite pôr em movimento a pesquisa em sala de aula. O questionar-se aplica a tudo que constitui o ser, quer seja conhecimentos, atitudes, valores comportamentos e modos de agir (Moraes, 2002, p. 15).

Além do convívio com o orientador, a orientação coletiva é uma forma de aprender com o trabalho do outro, pois submetendo o trabalho ao olhar do outro é possível apontar lacunas, limitações e possibilidades.

O convívio com os colegas, professores e sujeitos de pesquisa foi um momento de aprendizagem com o outro. O convívio com o outro permite dividir e trocar conhecimentos, além de potencializar a reflexão de nossas práticas. Isabel Carvalho enfatiza que não basta apenas realizar práticas e ações, uma vez que não existe prática inovadora que não seja reflexiva. Pois, se só praticarmos sem refletir sobre as ações, acabaremos nos tornando repetitivos ou subordinados. Aí se coloca a importância de nos remetermos à análise histórica, trocando experiências e praticando a coletividade.

O convívio no digital mostrou-se como um importante recurso para o processo de pesquisa. Com as ferramentas do meio digital, foi possível interagir com a produção dos colegas, assim como manter a comunicação entre os membros que compuseram o coletivo. A tecnologia nos propicia interações mais amplas, por isso disponibilizar um espaço virtual é uma possibilidade para que os pesquisadores possam fazer trocas de produções, disponibilizar artigos e sugestões bibliográficas, é uma forma de realizar pesquisa superando a individualidade, pela socialização do saber.

Os relatos nos mostram que estamos constantemente aprendendo no convívio com o outro. O estímulo, a crítica e o reconhecimento de colegas e professores permitem-nos avançar com mais coragem e afinco, contribuindo para a elaboração de textos coerentes e bem fundamentados. Independente do coletivo vivenciado — teórico, colegas, orientador — é importante submeter o trabalho à crítica para que alcance argumentos sólidos e ultrapasse os limites. Para Moraes e Lima (2022), criticar é apontar os limites e as deficiências das produções. Por isso, na medida em que o trabalho avança, é importante submetê-lo a diferentes críticos, aumentando gradativamente as exigências e o rigor da crítica. Com as mudanças e aperfeiçoamentos possibilitados por esse meio, os textos tornam-se cada vez mais válidos e consistentes, atingindo assim um caráter científico cada vez mais elaborado.

Finaliza-se este trabalho compartilhando o pensamento de Freire de que “só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros” (Freire, 1987, p. 58). Independente do coletivo escolhido durante a pesquisa, o importante é não estar sozinho, pois sempre temos muito para aprender com o outro. A convivência com o outro encoraja o sujeito a continuar a trajetória sozinho e transcender seus limites.

REFERÊNCIAS

BOCHNIAK, R. **Questionar o Conhecimento** - interdisciplinaridade na Escola. São Paulo: Loyola, 1992.

COSTA, E. Cultura e tecnologias digitais: periferias urbanas em ciberculturas plurais. In: CARNEIRO, J.; BARON, L. (Orgs.). **Cultura é Território**. Niterói: Niterói Livros, 2020.

COSTA, M. A. F. D.; COSTA, N. D. F. B. D. **Metodologia da pesquisa**: abordagens qualitativas. Rio de Janeiro: DosAutores, 2019. (recurso digital: ePUB).

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DEMO, P. **Pesquisa e construção de conhecimento**: metodologia científica no caminho de Habermas. 4. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

DEVECHI, C. P. V.; TREVISAN, A. L. Sobre a proximidade do senso comum das pesquisas qualitativas em educação: positividade ou simples decadência? **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 43, p. 148-161, abr. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782010000100010>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/qG87WzQBP9tQSmC5Y83gXTP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 ago. 2024.

EGLER, T. T. C. Ciberespaço: novas formas da interação social. **Sociedade e Estado**, v. 13, n. 1, p. 71-87, 1998. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/44231>. Acesso em: 5 ago. 2024.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GUARNICA, A. V. M. Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia. **Interface — Comunicação, Saúde, Educação**, v. 1, n. 1, 1997. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-32831997000200008>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/CMZhfgQZbFHBdTjg9fFWpkd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 ago. 2024.

GUTIERREZ, D. M. D.; MARTINS, R. D. C.; PIMENTEL, A. D. S. G. Diálogo, triangulação e interdisciplinaridade: vias para integração metodológica entre pesquisas qualitativas e quantitativas. **Educamazônia-Educação, Sociedade e Meio Ambiente**, v. 25, n. 2, p. 418-437, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/educamazonia/article/view/7843/5528>. Acesso em: 05 ago. 2024.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. **A pesquisa qualitativa em sociologia: fundamentos e recursos básicos.** São Paulo: EDUC/Moraes, 1989.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

MEURER, A. M.; SOUZA, A. N. M.; COSTA, F. Fatores motivacionais e modificações na vida dos mestrandos em contabilidade: os dois lados de uma mesma história. **Revista Contemporânea de Contabilidade**, v. 16, n. 38, p. 105-128, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8069.2019v16n38p105>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/contabilidade/article/view/2175-8069.2019v16n38p105/40193>. Acesso em: 05 ago. 2024.

MORAES, R. Mergulhos discursivos. In: SEMINÁRIO SOBRE PESQUISA QUALITATIVA, 1., 2002. Fundação Universidade Federal de Rio Grande: Mestrado de Educação Ambiental, 2002.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise textual discursiva.** Ijuí: Unijuí, 2007.

MORAES, R.; LIMA, V. M. R. L. (Orgs.). **Pesquisa em Sala de Aula: tendências para a educação em novos tempos.** Porto Alegre: EdUPUC, 2022.

PALACIOS, M. Cotidiano e Sociabilidade no Cyberespaço: Apontamentos para Discussão. **Facom**, 1998. Disponível em: <http://facom/ufba/br/pesq/cyber/palacios/cotidiano.html>. Acesso em: 11 nov. 2023.

PESCE, M. K. D.; VOIGT, J. M. R.; GARCIA, B. R. Z. Abordagem qualitativa em pesquisas educacionais: uma perspectiva sócio-histórica. **Revista Intersaberes**, v. 17, n. 40, p. 26-39, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22169/revint.v17i40.2273>. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/2273/414667>. Acesso em: 05 ago. 2024.

PETERMANN, R.; JUNG, N. M. Escrita acadêmica no ensino técnico integrado ao médio: negociações em torno da escrita de um TCC. **Fórum Linguístico**, v. 17, n. 4, p. 5328-5342, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2020.e67912>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/67912/45467>. Acesso em: 05 ago. 2024.

PIAGET, J. **Para onde vai a educação?** Rio de Janeiro: Livraria José Olympo Editora/Unesco, 1973.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

STEIN, E. **Escritos antropológicos e pedagógicos: magistério de vida cristiana, 1926-1933.** Trad. de Francisco Javier Sancho, OCD. José Mardomingo, Constantino Ruiz Garrido, Carlos Días, Alberto Pérez, OCD. Gerlinde Follrich de Aginaga. Madri: Monte Carmelo, 2003.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VERAS, R. D. S.; FERREIRA, S. P. A. A afetividade na relação professor-aluno e suas implicações na aprendizagem, em contexto universitário. **Educar em revista**, v. 38, n. 1, p. 219-235, 2010. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602010000300015&lng=pt&nrm=iso. Acessos em: 05 ago. 2024.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Persona, 1968.

ZANETTE, M. S. Pesquisa qualitativa no contexto da Educação no Brasil. **Educar em Revista**, v. 65, p. 149-166, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.47454>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/9GBmR7D7z6DDv7zKkrndSDs/?format=pdf&lang=pt>. Acessos em: 05 ago. 2024.

NOTA SOBRE FINANCIAMENTO

Não houve financiamento para esta pesquisa.

NOTA SOBRE A AUTORIA

Dr.^a Tanise Paula Novello: concepção e planejamento; escrita do referencial teórico; análise e interpretação dos dados; elaboração do rascunho; participação na aprovação da versão final do manuscrito.

Me. Errol Fernando Zepka Pereira Junior: escrita do referencial teórico; revisão crítica do conteúdo; diagramação do texto; participação na aprovação final do manuscrito.

REVISÃO DO ARTIGO

Elizete Lopes Marques: Licenciada em Letras e Especialista em linguística aplicada à sala de aula.

Recebido em: 13/11/2023

Parecer em: 13/03/2024

Aprovado em: 15/03/2024